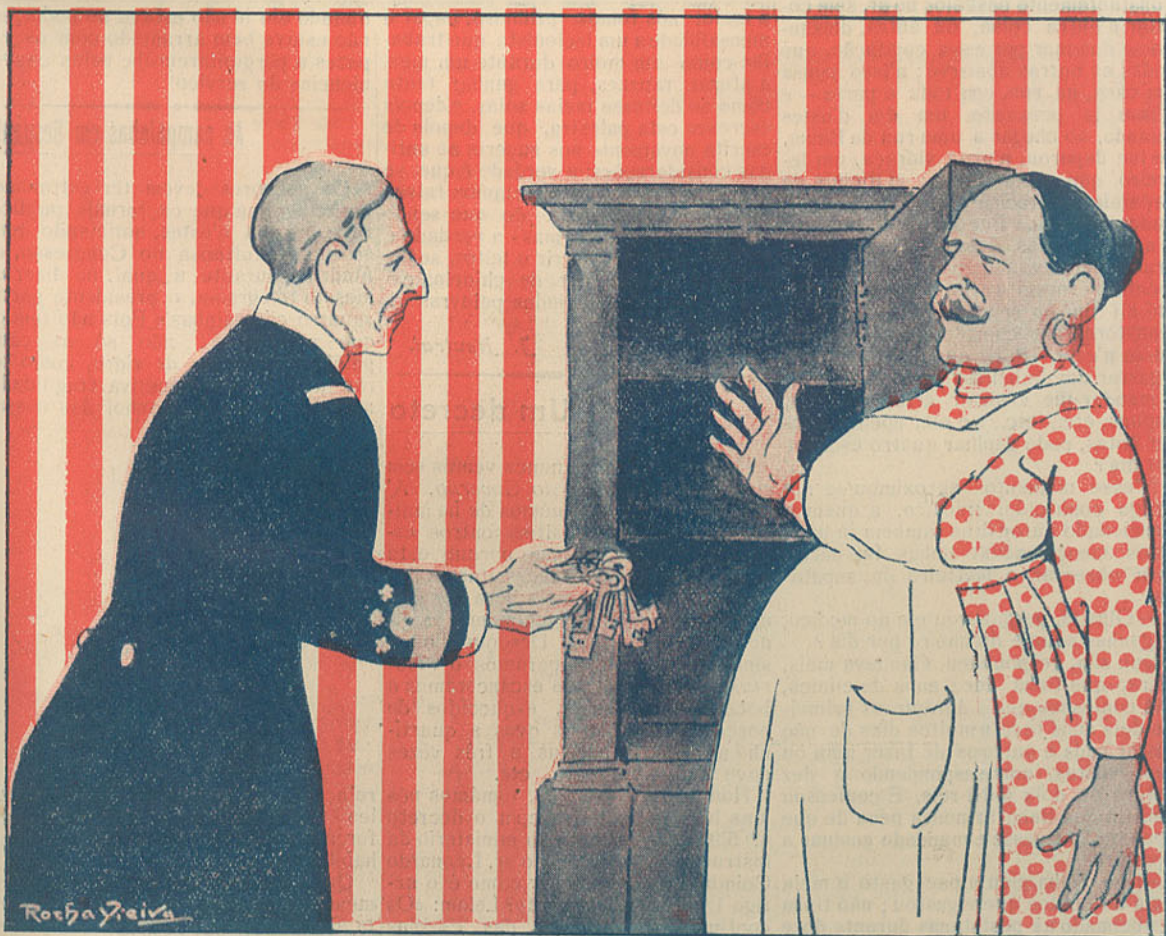




Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 43—Lisboa

## A sucessão



*Conversando com a nova governanta:*

*— Então que diz á casa?*

*— Não ha duvida de que, quanto a limpeza, não se póde exigir mais...*



## PALESTRA AMENA

## Profissões

O autor d'estas desalinhavadas palavras julgou de seu dever perpetuar o modesto nome de que honradamente usa, deixando n'este mundo um herdeiro d'esse mesmo nome — e de pouco, muito pouco mais.

E como ao referido autor foi ministrada uma certa instrução, sufficiente para poder transmitir ao leitor as idéas que lhe borbulham no cerebro e para ganhar a terça parte do pão de que necessitava em cada dia, ele entendeu que devia repetir os esforços que deram tal resultado, gastando parte dos seus magros haveres em professores e educadores d'aquelle que está preparando para a luta da existencia, na intenção de que se veja menos embaraçado do que o que lhe deu o ser.

N'este empenho tem vivido, a fazer constantemente castelos no ar, sem cogitar n'outra coisa, ou antes, deixando-se dominar por essa cogitação, que todas as outras absorve; n'isso pensa em casa, na rua, em toda a parte — e n'isso ia pensando um dia d'estes quando, ao chegar a uma rua da Baixa, se lhe deparou, n'uma vidraça, um letreiro que dizia assim: «Oficiais de sapateiro — precisam-se. Dão-se 4 escudos por dia.» Parou imediatamente o autor d'estas desalinhavadas palavras e confessa que os seus pensamentos levaram rumo diverso do que até ali tinham seguido e que eles se transtornaram completamente, fixando-se n'este: — Para que diabo ando eu a gastar um dinheirão com o pequeno, a mandar-lhe ensinar artes, ciencias, linguas, etc., etc., se ele, apenas a fazer botas, pode ganhar quatro escudos por dia?

N'esse momento aproximou-se um antigo conhecido, medico, a quem o mencionado autor das tambem já duas vezes mencionadas linhas fez parar, para observar o letreiro da sapataria.

— Olha lá, perguntou ele ao medico, tu ganhas aquele dinheiro por dia?

Que sim, respondeu. Ganhava mais, agora, que tinha dez anos de clinica, mas confessou que durante os primeiros dois anos teve muitos dias de não ganhar nada e outros de fazer uma ou duas visitas, correspondendo a dez tostões ou dois mil reis. E confessou tambem que tinha imensa pena de que o pae o não tivesse mandado ensinar a sapateiro.

— Não tinha meu pae gasto a meia duzia de contos que gastou; não tinha eu queimado as pestanas durante doze anos, por liceus e escolas superiores; e...

— E não tinhas remorsos na consciencia, acrescentámos.

Concordou e separámo-nos. Ele foi para a cabeceira d'um doente, de doença contagiosa, ao pé do qual pode apanhar a morte, a troco de dois escudos

E' muito possivel que a estas horas já esteja resolvido o conflito entre os musicos das orquestras de teatro e as



respétivas empezas, mas tambem é possivel que o caso se tenha agravado, e que os contendores tenham chegado a vias de facto, não sendo para admi-

e meio; nós fomos, primeiro, pagar a mensalidade a um lecionista, que trabalha como um moiro durante um mez, a aturar rapazes, para ganhar tanto como se deitasse meias solas, e depois escrever esta palestra, que depois de escrita novamente nos sugeria as antigas considerações: a verdade é que, se fossemos sapateiros viveríamos talvez mais desafogadamente do que sendo escritores publicos, mas a verdade é que não fariamos sorrir o leitor, se lhe servissemos um par de chinelas em vez d'estas desataviadas palavras...

E basta por hoje.

J. Neutral.

## Um decreto

Ha uma coisa que nunca vemos sem comção: é o *Diário do Governo*. A sua leitura nos habituámos de ha muito, não porque nos falem outros escritos instrutivos, mas porque esta vida são dois dias e necessitamos desopilar pelo menos meia hora por dia, apoz outros alívios igualmente exigidos pelo organismo. Desdobramos o simpatico jornal, preparamos o *risorius* e minutos depois escancaramos a bôca deliciosamente, esquecidos da porca da vida, com os ovos a quartinho a duzia, as batatas a três vezes nove vinte e sete, etc., etc.

Hontem, por exemplo, tomámos nós uma barrigada de riso com o decreto n.º 5:924, pertencente ao ministerio da instrução e assinado pelo sr. Leonardo Coimbra. Querem saber como é o artigo 1.º do citado decreto? Leiam: «Os continuos e serventes das Escolas Normais serão do sexo masculino ou feminino, conforme as conveniencias do serviço». Está uma pessoa a vêr a atrapalhação d'um continuo para saber quando ha de ser do sexo masculino ou feminino...

O que valeu é que foi o ultimo decreto do sr. Leonardo Coimbra, e saiu

## Ainda a questão musical

rar que algum bombo se tenha rompido na cabeça da formosa Santanela, por exemplo, ou que, pelo contrario, algum empezario tenha metido algum trombone pelas guelias do respétivo executante.

Para nós, a questão está morta, desde que apresentámos os alvíres que sabem: e se lhe tocamos é apenas para aprovar os concertos populares, que se anunciam, e que segundo escreve um professor de musica nos pepidicos, «arrancarão o povo do nefasto meio de perversão que o nosso actual teatro constitue».

E já agora acrescentaremos—evidentemente o dito professor refere-se ás revistas d'ano—que as orquestras são, pelo menos, cúmplices na perversão. A *varina vae ao conde*, por exemplo, não dava tanto no gôto se não fosse acompanhada pela pouca vergonhinha da sua musica sugestiva...

quando ele já não estava no poder, se não estava bem arranjado com os rapazes a perguntarem-lhe pelas conveniencias do serviço!

## As campainhas em Hespanha

Os senhores devem ter extranhado um telegrama que os jornais publicaram um dia d'estes, noticiando uma sessão tumultuosa no Congresso, de Madrid, durante a qual, no dizer do mesmo telegrama, o presidente partiu «quatro campainhas.» Pois não tem de que admirar-se: não só as campainhas não eram de vidro, como terão julgado pela respétiva fragilidade, mas diz-nos um hespanhol das nossas



relações que são vulgarissimos aqueles atos de força no paiz visinho, pela força muscular de que dispõem os seus habitantes.

Quanto a murros, contou-nos o homem que conheceu um sineiro em certa aldeia, o qual, d'uma vez em que estava dobrando a finados teve uma arrelia qualquer e deu, n'um impeto impensado, tal murro no sino grande que o partiu em 125 bocados grandes e 2:324 miudos!

E mais não era andaluz, o diabo do homem: se o fosse, tinha desfeito tambem a torre.



## Modas

Temos presente um jornal francez, que se mostra indignado porque ha dias duas senhoras se apresentaram sem meias n'um logar concorrido de Paris, na intenção de lançar a moda, porque se trata de criaturas *chics*.

A indignação não tem razão de ser: primeiro, porque todas as economias na presente ocasião são de louvar, depois porque o que é bom é para se vêr, e ninguem dirá que a seda, a lã e o algodão sejam melhores do que uma linda barriguinha de perna ao léu.

Vamos ainda mais longe. Se á supressão das meias se seguir a das botas, a esta a das saias, a esta a dos corpetes, e assim sucessivamente até zero, a vida passará a custar muito menos e o publico não estranhará, porque a transformação é gradualmente evolutiva, habituando-se a quele pouco a pouco, por desnudamentos minimos parciaes, ao desnudamento total.

— Não habitua tal! exclamará quem nos lê.

Habitua, sim senhor, como se prova pela seguinte historia:

Certo cidadão, *A*, afirmou ao cidadão *B* que qualquer homem podia com um boi ás costas. O *B* riu ás gargalhadas, e d'ái a tempos o *A* convidou o *B* a ir visitar um curral pertencente ao dito



*A*, onde tinha nascido um bezerro poucas horas antes.

— Agarre n'aquelle bezerro ao colo, disse o *A* ao *B*.

*B* obedeceu facilmente, porque um bezerro recém-nascido não tem grande peso.

— Bem, continuou o *A*. Passe por cá todos os dias a esta hora.

Assim fez o *B* e de todas as vezes que entrava no curral *A* convidava-o a erguer do chão o bezerro, o que *B* fazia sempre sem dificuldade porque o aumento de peso do bezerro, d'um dia para o outro, era apenas d'algumas grammas, e quem pode com um quilo pode com um quilo e uma grama, quem pode com um quilo e uma grama pode com um quilo e duas grammas, e assim sucessivamente.

Estão vendo que passados dois anos, ou coisa assim, o *B* levantava o boi com tanta facilidade como se levantasse um gato, não tendo remedio senão render-se á evidencia e á esperteza do *A*.

O principio é que custa, diz a sabedoria das nações.

## EM FOCO

## Raquel de Barros



Conhecem bem a avó, não é verdade?  
A Amélia, a actriz? Conhecem, com certeza:

Uma cheia de graça, de lhaneza,  
Sem a mais leve sombra de vaidade.

Pois a pequena, estrela na Trindade  
E agora em S. Luiz, de igual grandeza,  
Dotou-a fartamente a natureza,  
Tem a mesma gentil habilidade.

Cantei, se bem me lembro, n'uma festa  
A avó, quando era nova; hoje á netinha  
O mesmo faz a minha musa honesta.

Continuando assim, por sorte minha,  
Se eu viesse á cantar os netos d'esta  
(Desculpem-me o calão) era galinha!

BELMIRO.

## A paz em lisboa

D'esta vez não se pode dizer que os lisboetas sejam pessoas difíceis de entusiasmar: o que aí se viu é ouviu logo que houve a noticia de que a paz tinha sido assinada, excede tudo o que a antiga musa canta.

Alem do gesto do Lulu, menino de 4 anos, filho do nosso visinho do lado, o qual menino ficou tão doido que até poz á janela uma bandeira de dois centavos, temos mais as seguintes manifestações:

1.<sup>a</sup>—Na rua do Norte, o José da Escada esteve meia hora a tocar berimbau.

2.<sup>a</sup>—A filarmónica Filhos de Euterpe, Apolo & Companhia, com séde na rua Fresca, esteve vai não vai para sair para a rua a tocar a *Marselheza*.

3.<sup>a</sup>—Na casa de hospedes da sr.<sup>a</sup> D. Gertrudes do O', aliado-fila dos quatro costados, o jantar foi melhorado com duas petingas fritas para cada pensionista.

4.<sup>a</sup>—O governo lembrou-se de mandar embandeirar os vapores da carreira de Cacilhas, o que não fez devido á comoção que lhe embargou a voz.

5.<sup>a</sup>—O nosso mercieiro deu uma sova ao marçano, por ele se chamar Guilherme.

6.<sup>a</sup>—Muitos funcionarios publicos, como o governo não tivesse decretado feriado, decretaram-o eles proprios, faltando três dias á repartição, como se lhes tivesse morrido a sogra.

E por aqui nos ficamos, porque não chegaria o espaço para relatar tudo, faltando-nos apenas acrescentar a quem extranhou que a vereação municipal não contribuisse para o brilho das

festas, que não se manifestou como costuma, isto é, batisando qualquer arruamento com palavra come-



morativa, por já existir a rua da Paz. Consta-nos, porém, que na proxima sessão se proporá a mudança para rua da Bis-Paz.

DE FÓRA

## Estetica...

Poesia a dormirr nas colgaduras,  
O sol a naufragar no Ocidente  
E uma princeza mnistica e doente  
A ver, n'um libro o antigo, luminuras...

Cisnes altivos, neegros, orgulhosos,  
Deslisam pelo laggo do jardim,  
E sobre um vaso á antigo de marfim,  
Tosse um par de ç pavões tuberculosos...

Ha sombra de misisterio na alameda;  
A brisa belja a terra n'um afago,  
E as ondas que se e formam sobre o lago  
Rezam batzinho uuma oração de seda...

De repente a princezeza olhando julga  
Que algem lhe pspica o dedo cor de rosa  
E n'um curvaturara graciosa  
Desfaz as illusões is de certa pulga...

GIL AFONSO.

# Ultimo eco do afundamento da esquadra alemã



—Eu cá é que não me ralo. Assim como assim, sempre tinha de ir no bote!